

APRESENTAÇÃO

A revista *LexCult*, do Centro Cultural Justiça Federal, LexCult-CCJF, inaugura o seu primeiro número, trazendo debates interdisciplinares importantes acerca de temas contemporâneos que circundam o pensamento jurídico, cultural e artístico. Os seus editores desejam que esse periódico se insira nos debates científicos, acadêmicos e culturais da atualidade e que as reflexões nele contidas possam dialogar com outras ideias e estudos. Como ensina Foucault (2007, p. 430), o homem deu um salto importante, “na virada do século XIX, quando assumiu uma posição ambígua de objeto para um saber e de sujeito que conhece”. Em sua arqueologia, o pensador francês mostra que tal passagem se deu porque as formas de ver e de dizer relativamente ao mundo mudaram e, com isso, os saberes também.

A partir das palavras de Foucault, que sempre nos levam a pensar sobre o conhecimento, mas, principalmente, sobre os discursos que o veiculam, entendemos que na passagem do século XX para o XXI, tivemos novamente mudanças paradigmáticas importantes, em relação ao modo de ver, sentir e conhecer de homens e de mulheres também modificados pelos incessantes avanços científicos e tecnológicos. As questões derivadas desses novos aparatos e novas formas contemporâneas, bem como os novos discursos que os veiculam devem ser refletidos, debatidos e ressignificados. É esse o nosso intuito.

Os estudos presentes nesta primeira edição foram divididos em dois blocos, o primeiro trata de discussões acerca do Direito e de suas interfaces filosóficas, sociais, econômicas, ambientais e políticas, entre outras, e a segunda de trabalhos voltados principalmente para os estudos culturais.

O artigo que abre o primeiro bloco, denominado **A inteligência artificial e o panorama contemporâneo da filosofia da mente em um estudo introdutório para a forma eletrônica do processo**, de autoria do professor e desembargador Federal, André Fontes, mostra como a utilização de recursos tecnológicos disponíveis em processos judiciais promove o

aprimoramento e a efetividade das atividades jurisdicionais. O estudo argumenta que os recursos cibernéticos poderão complementar, inclusive, o exercício da jurisdição, através da utilização da Inteligência Artificial, apesar da demora do Poder Judiciário em incorporar plenamente tais recursos.

O estudo seguinte **Direito, religião e moral enquanto instrumentos de controle social**, do professor e também desembargador Federal Reis Friede, relativiza a proeminência ostentada pelo Direito no âmbito do controle social, ao analisar a complexidade da vida em sociedade, geradora de incontáveis conflitos. Ele mostra que outros mecanismos assumem parte desta tarefa, como a Religião e a Moral, tendo em vista as peculiaridades das diversas relações cotidianamente estabelecidas pelos indivíduos.

O fundamento do direito em Heidegger, a seguir, de autoria do professor Cleyson de Moraes Mello, analisa o Direito alinhado à hermenêutica filosófica e mostra que por essa via ele assume um viés transformador. Daí a necessidade de compreender o Direito a partir do ser-no-mundo. É, neste sentido que, em face da flagrante inefetividade da hermenêutica clássica, originariamente metodológica, torna-se necessária a construção de uma resistência teórica que aponte para a construção das condições de possibilidade da compreensão do direito, como modo de ser-no-mundo.

Em **A economia, o direito e a crise econômica**, Luciano Aragão, advogado e mestre em Direito, discute a necessidade de segurança jurídica, com vistas a produzir uma integração competitiva na economia brasileira, visando ao seu crescimento, o que para tanto exige uma crescente interação entre a ciência jurídica e a ciência econômica, já que são os empreendedores nacionais e estrangeiros os responsáveis pelo desenvolvimento.

Aprisionamento psíquico nas organizações: do mito à realidade, da professora Maria Claudete Silva e Laura Silva Campos Lessa, a primeira psicóloga e doutoranda em Psicologia e a segunda aluna de Iniciação científica, procura explicitar um modelo de defesa que trabalhadores utilizam para permanecerem por muitos anos em uma organização partindo

da categoria do mito *Golem Laborio*, proposto por Thiry-Cherques (2004). Esse modelo representa uma forma de adesão total dos trabalhadores ao sistema, onde vida e sistema se confundem. O estudo foi realizado por meio de abordagem qualitativa e os resultados evidenciaram que o trabalho tem uma importância vital na vida das pessoas e, em razão disso, elas não são livres, mas aprisionadas psiquicamente dentro das próprias armadilhas que criam, já que acabam desenvolvendo, de forma inconsciente, modelos de defesa.

Em **Capital Social, precarização e uberização do trabalho**, Ana Christina Martins, mestranda em Desenvolvimento Local e Maria Geralda de Miranda, professora e pesquisadora, examinam as relações entre capital social, organização do trabalho, precarização, terceirização, economia compartilhada e uberização das relações. Serão analisadas se a entrada das empresas *ponto com* e a atuação por meio de aplicativos (e-hailing) trazem realmente mais liberdade, autonomia e melhores ganhos para os trabalhadores individuais, ou se o melhor lucro e as vantagens continuam na mão das empresas. Será verificado o *quantum* de capital social o trabalhador coloca ou não nesta “nova” forma de relação trabalhista e se ainda existem padrões ou não neste mercado virtual.

Márcia Shumack Militão Barbosa, Professora do Colégio Pedro II e mestre em Desenvolvimento Local, em **Recursos hídricos em questão: vivências e práticas nos anos iniciais do ensino fundamental** mostra que a crise hídrica no Brasil levou uma das regiões mais populosas ao racionamento e comprometeu seriamente os sistemas produtivos, impondo mudanças no consumo de milhões de pessoas. Nesse âmbito, a autora apresenta resultados de sua pesquisa desenvolvida com alunos do Ensino Fundamental de escola pública no Rio de Janeiro, cujo foco foi a formação de uma postura crítica nos alunos quanto à responsabilidade no uso e na preservação da água no cotidiano. Os resultados da pesquisa indicaram que as propostas contribuíram para a formação de saberes, discursos e atitudes de combate ao desperdício e à poluição do recurso.

Abrindo o segundo bloco de estudos desta primeira edição, o professor Leonardo Santana, em **Estudos culturais e pós-colonialismo: uma reflexão paradigmática sobre o tema segundo as perspectivas de Homi Bhabha e Stuart Hall**, busca fazer dialogar duas teorizações sofisticadas e complexas, dos estudiosos Homi Bhabha e Stuart Hall, presentes nos estudos culturais no período pós-colonialista. O trabalho procura focalizar a questão paradigmática da teoria da cultura, utilizando como ator principal o processo de hibridização que obriga a pensar de forma não reducionista as relações entre o simbólico e o social, enquanto prática cultural crítica.

Já a professora Carmem Lúcia Tindó Ribeiro Secco, em **Drummond – uma referência constante na moderna poesia africana de Língua Portuguesa**, mostra que Carlos Drummond de Andrade foi e continua a ser uma marcante referência para a poesia africana de língua portuguesa. Durante as lutas pela libertação em Angola e Moçambique e nos anos seguintes, os poemas “Sentimento do mundo”, “José” e “A Rosa do povo” se tornaram paradigmas de gerações de poetas comprometidos com o social, com a denúncia da “noite fascista”, entre os quais: Luis Carlos Patraquim, Eduardo White, Paula Tavares entre outros.

Por sua vez, a professora Vanessa Ribeiro Teixeira, em **Ecos do movimento da negritude nas literaturas africanas de Língua Portuguesa**, analisa que os anos 30 do século XX são marcados pelo surgimento do movimento da Negritude, articulado por estudantes negros, dentro e fora da África. Estudantes que propunham repensar o lugar e o valor da cultura negra no mundo, através de uma escrita pontualmente crítica de cariz social, filosófico e político. O foco do artigo está no modo pelo qual os escritores africanos de Língua Portuguesa leram e incorporaram os ecos do movimento da negritude em sua obra, de modo a construir uma literatura africana nas colônias portuguesas.

Por fim, a professora Renata Flavia da Silva, em **Retrato de uma Luanda invisível em os transparentes, de Ondjaki**, faz um estudo da obra



Os transparentes (2012), do escritor angolano Ondjaki, em que analisa como o espaço narrativo recupera o processo histórico-cultural vivenciado pelos angolanos. Ela pontua que o autor apresenta a cidade de Luanda como uma construção simbólica, capaz de refletir e problematizar a história recente de seu país. Paisagem contemporânea, marcada por profundas cicatrizes, a capital angolana é descrita em suas relações desiguais de ocupação do espaço urbano e de visibilidade social.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Os Editores